**Daiana Machado – 01 de junho**

**Resumo dos textos:** Oostenbroek et al.(2016), Comprehensive Longitudinal Study Challenges the Existence of Neonatal Imitation in Humans Current Biology 26, 1334–1338 e Meltzoff, A. Murray, L. et al. (2017). Re‐examination of Oostenbroek et al. (2016): evidence for neonatal imitation of tongue protrusion. Developmental Science · September 2017

 O significado, mecanismo e função do comportamento de imitação na primeira infância em primatas têm sido cada vez mais discutidos e os autores dos dois textos possuem visões contrárias sobre esse tema. O primeiro estudo, realizado por Oostenbroek e colaboradores, tem como objetivo testar se neonatos de até 9 semanas de vida realizam o comportamento de imitação. Para tanto, eles fazem uma série de exibições para os bebês participantes do estudo, para verificar se estes iriam reproduzir os sinais/sons da testadora. Dentre as exibições feitas pela pesquisadora testadora, estão a protusão da língua, expressões faciais de tristeza e alegria, além de barulhos com a boca.

 Após análises estátisticas dos dados, os autores afirmam que não há evidências de comportamento de imitação em neonataos primatas humanos, estendendo esta ideia também para macacos, além de tecerem críticas a estudos anteriores que identificaram o contrário. Estes autores também enaltecem seu próprio trabalho, alegando ser este o único que utiliza uma metodologia longitudinal.

 Já o segundo trabalho, realizado por Meltzoff e colegas, é uma reanálise dos dados provenientes do estudo de Oostenbroek et al. Já no título, é possível notar que estes autores discordam fortemente do primeiro trabalho. Contudo, é uma discordância completamente embasada, visto que eles solicitaram os dados brutos aos autores do primeiro estudo e avaliaram tanto a estatística, quanto a metodologia utilizada. Desse modo, conseguiram identificar uma série de falhas de todos os aspectos, dentre elas, tempo curto de exibição dos estímulos (exibição de sinais pela pesquisadora), ambiente impróprio para o teste (com muitas distrações para o bebê) e estado de sonolência destes, sendo necessário que os bebês tivessem completamente despertos. Mas de todas as falhas, a que chama mais atenção é alguns dos tipos de estímulos utilizados. Os pesquisadores do primeiro estudo testam barulhos sonoros, ou seja, eles “queriam” que os bebês reproduzissem tais sons. No entanto, conforme mencionado por Meltzoff e colegas, bem como em outros estudos, o trato vocal de bebês de até 9 semanas de idade ainda não está desenvolvido, o que torna impossível a reprodução dos tipos de sons testados no estudo.

 Além das 11 falhas identificadas em termos de metodologia, Meltzoff et al. também encontraram resultados que apontam para a exibição do comportamento de imitação, após refazerem as análises estatísticas de Oostenbroek et al. e afirmam que este grupo de pesquisadores avaliou de forma equivocada os próprios dados.

 Por fim, eles finalizam o artigo apontando cinco recomendações para projetar experimentos futuros, como padronização do tempo de observação e exposição aos estímulos, bem como a importância de um ambiente sem distrações para o bebê. Eles finalizam também, ressaltando a importância da imitação infantil para as teorias da ciência do desenvolvimento.

Questões Jones, S. S. (2009). The development of imitation in infancy. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 364(1528), 2325-2335.

1. *“The evidence will be used to evaluate two kinds of accounts of the origins of imitation. One is a nativistic account that derives from empirical reports of imitation by newborn infants.”* Não entendi muito bem o significado de nativista.
2. Quando li o primeiro texto (Oostenbroek et al.2016), aceitei a justificativa dos autores de que o comportamento de imitação na ocorre em recém-nascidos. Quando li o Segundo texto, que apontava tantas falhas no estudo anterior e ainda mostrava que analisando os dados de modo diferente, havia sim sinais de comportamento de imitação, mudei de ideia e passei a acreditar que de fato isso ocorre. Porém, ao ler o terceiro texto, fiquei mais uma vez confusa, voltando para a ideia inicial, já que a autora revisa artigos que sugerem que a protusão da língua é produto da excitação e não da imitação. Assim, minha pergunta é, tendo em vista que bebês recém-nascidos colocam a língua para fora o tempo todo, pode-se tirar por base esse comportamento nos estudos de imitação? Não seria menos enviesado padronizar tais testes com balanço de cabeça ou algum outro?
3. *“The data from studies describing the developmental course of imitation across infancy are incomplete, and not mutually consistent.”* Apesar de não ter nenhuma intimidade com essa literatura (exceto na disciplina), eu tendo a pensar que a Jones tem razão, já que os dois textos anteriores, demonstram certo tipo de enviesamento (o primeiro mais que o segundo), mesmo tendo sido ambos publicados mais recentemente. Assim, minha pergunta é: seria uma boa estratégia pesquisadores com opiniões distintas somarem esforços para realizar uma pesquisa em conjunto, de modo a obterem respostas mais consistentes e menos enviesadas? Penso que deveria ser assim em todas as áreas, não só na área da ciência cognitiva.